

**Silva, Marcel Vieira Barreto: Adaptação intercultural – o caso de Shakespeare no cinema brasileiro. Salvador: EDUFBA, 2013.**

Marcel Alvaro de Amorim<sup>1</sup>

Há alguns anos, a investigação de obras do dramaturgo inglês William Shakespeare (1564-1616) adaptadas, encenadas e/ou recriadas em territórios latino-americanos tem se feito parte integrante dos chamados Estudos Shakespearianos. Diversos pesquisadores têm se engajado na busca pela compreensão dos sentidos construídos a partir dos dramas do bardo em contato com territórios e culturas outras que aquelas de origem anglófonas. Alguns exemplos são os volumes *Foreign Accents: Brazilian Readings of Shakespeare*, editado por Aimara da Cunha Resende em 2002, *Latin American Shakespeares*, editado por Bernice W. Kliman e Rick J. Santos em 2005, e o mais recente *Shakespeare and World Cinema*, composto por Mark Thornton Burnett em 2013. O livro *Adaptação Intercultural - o caso de Shakespeare no cinema brasileiro*, do pesquisador Marcel Vieira Barreto Silva, surge, então, nesse contexto, na busca pela concretização de uma investigação sistematizada sobre a obra do dramaturgo inglês adaptada em território nacional.

Publicado pela Editora da Universidade Federal da Bahia – EDUFBA – após receber o prêmio de melhor tese da área de Comunicação Social da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação – COMPÓS, o livro, além de apresentar uma seção introdutória, se divide cinco capítulos, precedidos por um pequeno prefácio escrito pelo orientador do trabalho de doutorado, o professor da Universidade Federal Fluminense – UFF – João Luiz Vieira, e seguidos por uma seção de considerações finais e uma de referências. Com o objetivo de “(...) analisar as várias

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras (Linguística Aplicada) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

formas de apropriação e adaptação das peças do dramaturgo inglês no cinema brasileiro.” (2013: 19), a obra é apresentada por Vieira, no prefácio, como importante para os estudos da adaptação, sobretudo por se inserir no paradigma atual da área que, seguindo os postulados de Robert Stam (2000, 2005a e 2005b), afasta-se da ideia essencialista da procura de *fidelidade para com o original*; mas, mais ainda, por trazer como principal ganho epistemológico a questão *intercultural*, que considera que a adaptação “(...) sempre se materializará em contextos sócio-históricos e em projetos estilísticos próprios a cada cultura, tempo histórico, nação, subjetividades, ideologia...” (2013: 15).

Como Silva pontua em sua seção de *Introdução*, o tema para a tese/livro surgiu a partir do reconhecimento de que as teorias da adaptação não davam conta do fator intercultural, tão importante para a análise do *corpus* delimitado para a pesquisa: os filmes de Shakespeare no cinema brasileiro. Dessa forma, era necessária, de acordo com o autor, a busca por categorias analíticas que tornassem possível o escrutínio das obras do bardo na cinematografia nacional. Silva nos lembra que entender a proliferação de significados das obras de Shakespeare em território brasileiro é, também, uma forma de se pensar em questões como identidade, cultura e nação no mundo atual. No entanto, ressalta que, paradoxalmente, as adaptações brasileiras de tão vasta obra são ignoradas pelos Estudos Shakespearianos, inclusive por pesquisadores brasileiros que se propõe a investigar a relação entre a literatura dramática shakespeariana e o cinema (cf. Leão, 2008). Em resumo, mesmo no Brasil, o autor aponta a carência de estudos que busquem entender o modo como usamos o outro – nesse caso, Shakespeare – para falarmos de nós mesmo.

Na busca por inserir-se nesse debate de modo intercultural, Silva constrói seu primeiro capítulo, *Adaptação intercultural: conceito e categorias de análise*, estudando as relações entre a literatura e o cinema, buscando realizar um breve histórico dos estudos

da adaptação, observando desde o surgimento do campo – quando se adaptavam peças do bardo na tentativa de atrair o público mais letrado aos cinemas – às teorias mais recentes que embasam os estudos da área. Desse modo, o autor emprega sua busca por um conceito de adaptação que torne possível a realização do estudo pretendido, perpassando por diferentes definições: daquelas consideradas mais amplas às mais específicas. Nessa investigação, o autor assume as teorias que se fundam nos conceitos de *dialogismo*, *intertextualidade* e *transtextualidade* como horizonte de investigação para seu trabalho e se propõe a enxergar a adaptação como “(...) tanto o processo quanto o resultado da criação de uma obra artística a partir de uma fonte reconhecível de outro meio de expressão” (2013: 57). Além disso, para dar conta da parcela intercultural de seu trabalho, Silva busca nas teorias da performance de Patrice Pavis embasamento para construção de seu caminho analítico, uma vez que, para Pavis,

“O modelo da intertextualidade (...) cede seu lugar ao da interculturalidade. Com efeito, não basta mais descrever as relações dos textos (...); é preciso da mesma forma, e acima de tudo, compreender a sua inserção nos contextos e culturas, bem como analisar a produção cultural que resulta desses deslocamentos imprevistos.” (2008: 02)

Desse modo, assumindo a complementariedade das ideias de intertextualidade e interculturalidade, Silva conceitua a adaptação intercultural como aquela que se “refere aos casos em que texto-fonte e filme adaptado não surgem da mesma matriz cultural, e em que determinadas práticas socioculturais oriundas do contexto da adaptação medeiam reconfigurações de sentidos do texto-fonte, na materialidade estilística do filme adaptado” (2013: 65). E, para a análise desse tipo de adaptação, propõe as seguintes categorias de análise, que o guiarão na investigação do *corpus* delimitado:

*língua falada, trama, cronótopo, dominantes genéricas e estilo de encenação.*

Em relação à *língua falada*, o autor afirma buscar a forma pela qual o inglês elisabetano é traduzido para a língua portuguesa, observando, em especial, os sotaques ligados ao contexto social em que a trama é inserida. Já a partir da categoria da *trama*, Silva procura investigar mudanças significativas no desenvolvimento dramático da história, com possíveis reconfigurações dos sentidos da peça de partida. Com a categoria do *cronótopo*, o autor busca a compreensão das formas de reinserção da trama de partida em uma unidade de espaço-tempo outra; reinserção essa influenciada pelo modo de adaptação. Sobre as *dominantes genéricas*, Silva afirma procurar compreender as mudanças efetuadas no gênero dominante do filme em relação ao texto fonte, além das modificações daí advindas. Por fim, ao considerar o *estilo de encenação*, o autor enfatiza a *mise-en-scène* como elemento central da linguagem cinematográfica, buscando observar de que forma as obras shakespearianas são transformadas em um modo particular de encenação.

Após a apresentação da abordagem teórica e categorias de análise que guiaram sua pesquisa, Silva, no segundo capítulo do livro, *Meios, estilos e culturas: sobre Shakespeare no cinema*, busca historicizar os modos como Shakespeare tem sido adaptado no cinema ao longo dos últimos 115 (cento e quinze) anos. Junto a esse levantamento, o autor procura apontar de que modo Shakespeare, também um adaptador de histórias da cultura e do imaginário coletivo de sua época, tem sua tradição disseminada na contemporaneidade. Silva assume haver algo na obra do autor inglês que envolve diferentes espectadores em diferentes épocas e parte, desse modo, à busca pelo entendimento dos motivos que levaram Shakespeare ao cinema nos mais diferentes momentos da sétima arte. Assim como Harold Bloom, o autor credita a popularidade do bardo ao fato de o mesmo tematizar o humano, sendo que cada época encontra nele o que precisa ver. A capacidade de agregar diversas camadas sociais – a *biculturalidade*

do drama shakespeariano, conforme apontado por Rocha (2007) –, também é um dos motivos elencados por Silva para justificar a alta circulação das peças desse autor nos mais diferentes contextos. No entanto, ressaltando o caráter intercultural de sua pesquisa, Silva aponta que, nessas diversas adaptações, o choque intercultural propicia mudanças de sentido. E essas mudanças valem a pena serem investigadas.

O terceiro capítulo da obra, *Da subserviência à subversão: um painel histórico de Shakespeare no cinema*, aprofunda a temática incitada no capítulo anterior, traçando mais propriamente um perfil histórico das adaptações shakespearianas a partir do primeiro filme lançado, em 1899. Para tanto, Silva se baseia na história do cinema para chegar a uma história das adaptações das peças do bardo, ressaltando, nesse percurso, o aparecimento de filmes, já na década de 1910, que realocavam Shakespeare geográfica, cultural e socialmente. A historicização efetuada pelo autor, percorre diversos países como os Estados Unidos da América, a Inglaterra, a França e Itália. Se detém, mais especialmente, em Shakespeare no contexto alemão, país em que, como nos lembra Santos (2010), o autor tem um lugar de destaque na própria formação da identidade nacional por meio da tradução de suas peças. Silva continua a apresentar o percurso de Shakespeare no cinema traçando o adentramento dos filmes na era do cinema falado – o que causava problemas para as adaptações shakespearianas, devido a quantidade massiva de texto das peças originais – e chegando ao tempo de grandes diretores como Lawrence Olivier, Orson Welles, Akira Kurosawa etc. Silva também discute o hiato de décadas na relação entre Shakespeare o cinema e a retomada das adaptações a partir de Kenneth Branagh ao final dos anos 1980. Importante, nesse capítulo, é a diferenciação que esse autor aponta entre os filmes adaptados para o cinema, no fim do século XX, como inventivos, experimentais, e aqueles adaptados para TV, como mais didáticos e convencionais, demonstrando, dessa forma, a tendência transgressora do cinema para com os dramas shakespearianos.

No derradeiro capítulo teórico, intitulado *Cinema e literatura no Brasil*, Silva se propõe a discutir a relação entre essas duas artes na busca por entendimento da cinematografia brasileira; tenta-se, com isso, se compreender o processo adaptativo no Brasil. No entanto, o autor esbarra num problema que, segundo relata, dificulta seu processo de pesquisa: os poucos estudos em relação à história do cinema brasileiro. Apesar disso, Silva realiza sua breve e pontual história das adaptações em nosso cinema, chamando a atenção para o fato de que, no Brasil, assim como em outras partes do mundo, como já apontamos, a utilização de romances para a criação de enredos fílmicos surge na tentativa de atrair o público leitor e, dessa forma, se construir um painel identitário referente à formação do povo brasileiro. Além disso, Silva chama a atenção para o fato de que o cinema no Brasil buscava, em seus primórdios, sempre adaptar obras de períodos literários anteriores a sua própria época; somente com o chamado Cinema Novo temos a recuperação de obras do Modernismo brasileiro, o que nos permite compreender “como as preocupações político-sociais encampadas pelos cinemanovistas haviam sido expressadas, formalmente, pelo conjunto de artifícios narrativos estruturado na literatura modernista” (2013: 253). O autor também reflete sobre o movimento de construção do cinema brasileiro enquanto indústria, sempre ligado aos valores estatais, o que terminava por favorecer certos gêneros de filme e não outros. Por fim, no tracejo dessa historiografia da adaptação no Brasil, o autor ressalta a falta de estudos na área, um paradoxo se consideramos o grande número de adaptações realizadas em território nacional, especialmente nos últimos anos da cinematografia brasileira.

Em *Shakespeare no cinema brasileiro*, a seção da obra dedicada à análise dos 10 (dez) filmes selecionados como corpus, Silva retoma a história de Shakespeare em adaptação para os palcos e cinemas brasileiros, partindo das companhias estrangeiras que montavam o bardo no Brasil, passando pelas montagens de João Caetano e do

Teatro do Estudante, chegando ao cinema mudo e, por fim, ao cinema falado brasileiro. Em suas análises, o autor demonstra os diversos modos de adaptação de Shakespeare para o cinema nacional; das adaptações de peças históricas – *Faustão* (1969) e *Águia na Cabeça* (1984), passando por *Hamlet – O jogo da vida e da morte* (1971) e *A herança* (1971), e finalizando seu percurso nas mais diferentes adaptações de *Romeu e Julieta* construídas em território nacional – *O casamento de Romeu e Julieta* (2005), *Era uma vez* (2008), *Maré - nossa história de amor* (2007) etc. Apesar de apresentar diversos *insights* para a construção de uma história intercultural de Shakespeare no cinema brasileiro, é nesse capítulo que encontramos a maior fragilidade de uma obra de evidente qualidade: a objetividade das análises dos 10 (dez) filmes, aqui compactada em um único capítulo, por vezes, peca ao desenvolver apropriadamente pontos que seriam essenciais para uma interpretação intercultural dos filmes adaptados. No que tange à categoria da *língua falada*, por exemplo, o que nos resta, em algumas análises, são comentários gerais sobre registros do falar brasileiro encontrados nos filmes, sem uma análise linguística e contextual mais eficiente, que poderia nos dizer, inclusive, muito sobre a história da tradução de Shakespeare para o mercado cinematográfico nacional.

Ao final da obra, na seção de *Considerações finais*, Silva retoma pontos essenciais apresentados, reconhecendo que, como também acreditamos, a grande contribuição de sua tese se encontra na ciência de que “(...) o método intertextual, com todas as suas categorias e abordagens, poderia ser utilizado como princípio de contato com as obras, e não como fim analítico per se” (2013: 358). Além disso, é inegável a contribuição da pesquisa efetuada pelo autor para a história do cinema brasileiro, em geral, e para a história das adaptações e adaptações da obra de Shakespeare, em particular. Há tempos era clamado, nos Estudos Shakespearianos, um estudo que nos permitisse uma maior compreensão da relação entre os dramas do dramaturgo inglês e o cinema – e, periféricamente, o teatro – no/do Brasil. Mais do que isso, o livro de Marcel Vieira

Barreto Silva nos permite inserir o estudo das adaptações shakespearianas no Brasil, não apenas na história das adaptações do bardo para o cinema latino-americano, como também no quadro mais amplo da história do cinema mundial.

### Referências Bibliográficas

Bakhtin, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

Burnett, Mark Thornton. *Shakespeare and world cinema*. New York: Cambridge University Press, 2013.

Genette, Gérard. *Palimpsests: literature in the second degree*. Tradução de Channa Newman e Claude Doubinsky. United States of America: University of Nebraska Press, 1997

Kliman, Bernice W., Santos, Rick J. (Eds.) *Latin American Shakespeares*. USA: Fairleigh Dickinson, 2005.

Kristeva, Julia. "Bakhtine, le mot, le dialogue et le roman". *Critique: Revue Générale de publications*, 239, 1967.

\_\_\_\_\_. *Introdução à semanálise*. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

Leão, Liana de Camargo. Santos, Marlene Soares dos. (Orgs.). *Shakespeare: sua época e sua obra*. Curitiba: Editora Beatrice, 2008.

Pavis, Patrice. *O teatro no cruzamento de culturas*. Tradução de Nanci Fernandes. São Paulo: Perspectiva, 2008.

Resende, Aimara da Cunha. (Ed.) *Foreign Accents: brazilian readings of Shakespeare*. Newark: University of Delaware Press, 2002.



Rocha, Roberto Ferreira da. "A performance correta': circulação e apropriação da herança clássica no teatro elisabetano". In: Moita Lopes, Luiz Paulo da. Durão, Fábio Akcelrud. Rocha, Roberto Ferreira da. (Orgs.) *Performances: estudos de literatura em homenagem a Marlene Soares dos Santos*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007.

Santos, Marlene Soares. "Um discurso transcultural: our Shakespeare, unser Shakespeare, nosso Shakespeare". *Cadernos de Letras (UFRJ)*, n. 26 - jun. 2010.

Stam, Robert. "Beyond fidelity: the dialogics of adaptation". In: Naremore, James. (Org.). *Film Adaptation*. New Jersey: Tutgers University Press, 2000.

\_\_\_\_\_. "Introduction: the theory and practice of adaptation". In: Stam, Robert. Raengo, Alessandra. (Edts.) *Literature and film: a guide to the theory and practice of film adaptation*. United States of America: Blackwell Publishing, 2005b.

\_\_\_\_\_. *Literature through film: realism, magic and the art of adaptation*. United States of America: Blackwell Publishing, 2005a.